

P893



Num. 153

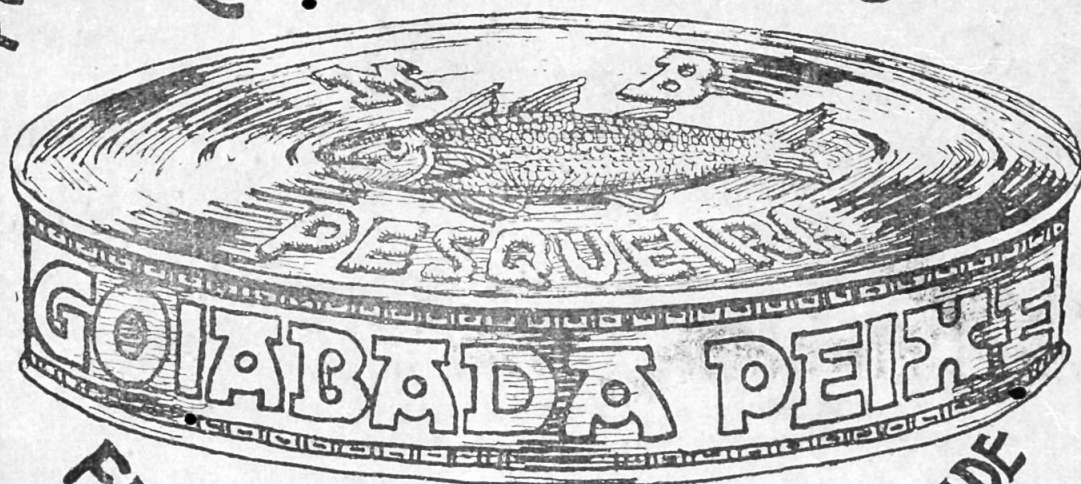
Anno IV

# REVISTA DACIDADE

**A SOBRE MESA**

DA PREFERENCIA DE TODOS  
HA 30 ANNOS, SEMPRE FOI  
E SERA'

PEDIMOS AOS NOSSOS COMPRADORES NAÕ  
CONFUNDIREM OS PRODUCTOS  
MARCA **PEIXE**



COM OUTROS  
FABRICADOS NA MESMA LOCALIDADE

FABRICANTES:

**Carlos de Britto & Cia.**

RÉCIFE — PERNAMBUCO — PESQUEIRA



# ACIDO URICO

## O FLAGELLO DA VELHICE

ELIMINE O ACIDO URICO COM O

# HYDROLITOL

Na propria residencia faz-se  
uma estação de cura com a  
diminuta despeza de \$500 por litro

HYDROLITOL VENDE-SE EM TODAS AS PHAR-  
MACIAS, DROGARIAS, MERCEARIAS E NO POSTO  
HYDROLITOL A RUA NOVA N.º 317—Caixa com 10  
litros \$5000—1 litro \$600.



Alguem disse : «O amor é a felicidade que nos damos mutuamente».

O numero de casaes felizes serio muito maior se cada um quizesse fazer esse pequeno esforço que pode transformar em casamento excellente, um casamento de qualidade commum. E' por uma troca de concessões geitosas, de ternas atencões, que esse resultado pode ser obtido.

Na maior parte das vezes é por coisa muito insignificantes que a discordia se installa em muitos lares.

Mas isso não se daria entre esposos cuja regra fosse esta : serem mutuamente agradaveis.

Esta regra não é tão difficil de seguir. Observem os noivos : estão cheios de atencões um para o outro. Tomam as maiores precauções para proteger e cultivar a planta fragil que é o seu juvenil amor. Rivalisam-se de gentilezas e de pequenas atencões.

Todos os dias, o noivo manda flores a sua noiva. Esta recebe-o muito bem preparada. Elle mesmo não se apresenta senão bem barbeado, perfumado. A escolha da gravata parec-lhe uma questão de Estado. Cuida das suas phrases e das suas unhas, procura brilhar, alardeia os sentimentos mais delicados.

Se não está completamente pe accordo com a noiva, em arte ou em politica, mostra-se geitosamente conciliador.

### Depure seu Sangue

### Fortaleça seu Organismo

### Augmente seu Peso

Com o tratamento pelo Elixir de Inhamé, o doente experimenta logo uma transformação no seu estado geral; o appetite augmenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico), a côr torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistencia á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se florescente, mais gordo, sente uma sensação de bem estar muito notavel. O elixir de Inhamé é o unico depurativo-tonico, em cuja formula tri-iodada entram o arsenico e o hydrargirio e é tão saboroso como qualquer licor de mesa.

**DEPURA - FORTALECE - ENGORDA**

### PUDIM DE BATATAS

Põe-se para assar no forno meio kilo de batatas (ou põe-se para cosinhar mas de maneira que fiquem bem cosidas e enxutas); descascam-se e esmagam-se até ficarem muito bem desteitas; junta-se-lhe 100 grs. de manteiga, uma pitada de pimenta, 2 gemmas e 75 grs. de queijo parmesão ralado, ligando-se o melhor possivel. Na hora de servir unta-se uma frigideira com manteiga e põe-se essa massa no centro, ageitando-a com uma faca, para dar-lhe o feitio de pudim (ou unta-se com manteiga uma fôrma de bolo e põe-se o pirão de batatas dentro). Põe-se por cima um pouco de manteiga e peneira-se farinha de rosca e queijo parmesão ralado; assim que ticar corado tira-se do forno.

# S. A. REVISTA DA CIDADE

CAPITAL SOCIAL 200:000\$000

RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207

End. Teleg. REVISTA -- PHONE, 6015

DIRECTOR PRESIDENTE — *Majo Adolpho Cavalcanti*

” THESOUREIRO — *Senado Wall edo Pessoa*

” SECRETARIO — *José Penante*

” GERENTE — *D. José dos Anjos*

OFFICINAS APPARELHADAS PARA TODO  
TRABALHO GRAPHICO

## “REVISTA DA CIDADE”

o magazine de maior circulação em todo  
o norte do Brasil com  
officinas e organização proprias.

### ASSIGNATUAS :

UM ANNO — 48\$000

SEIS MEZES -- 25\$000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO A CARGO DO

**Dr. LUIS MENDES**

Praça Floriano Peixoto, 19

4.º andar Sala da frente

( Editicio Imperio )

Tel. C. 2859—Endereço telegraphico—FANEIRA





# REVISTA DA CIDADE

Propriedade da "S. A. Revista da Cidade"

(OFFICINAS PROPRIAS) •

Redacção e Officinas: Rua do Imperador Pedro II, 207

Endereço Teleg.: REVISTA—Phone 0.000

RECIFE — PERNAMBUCO

Director-gerente — J O S É D O S A N J O S

Director-secretario — J O S É P E N A N T F

## O s c e n a r í o m a r a v í l h o s o

No salão do vapor, meus olhos estavam dentro daquelles olhos negros, mergulhavam na treva pesada.

Haverá algo mais negro do que os dois hemispherios de onde o dia fugira, simultaneamente?

Em um surto, eu vi desenharem-se no entanto, dentro do mappamundi de pixe daquelles olhos que então, ao deixar de contemplal-os, pairavam como um trema de tinta preta sobre a minha "soidão," — contornos de sombras ainda mais fundas. Eram silhuetas de montanhas lembrando recortes de papel carbono, eram talhes de picos audaciosos, corcovas, pães, cabeças, dedos, pyramides, obeliscos funis, clavas, dentes, punhos, phocas, esphinges, barretinas, tacapes.

Pisca um ponto de luz numa eminencia. E' uma mosca azul na crosta de um pão de assucar. Outro mais. Outro mais.

E tudo resplandeceu. Colleira preciosa, as luzes em hemicyclo, os milhares de luzes em hemicyclo na bahia que escancarava a bocca de peixe prehistorico, deixaram ver palmeiras e palacios, avenidas serpenteando como um lezardo scintilante de aventura tartarinesca, á orla do mar, sobre o qual a Noite sacudira um peplo de luto em que navios acesos punham manchas vermelhas, ensanguentando-o.

O scenario desdobrava-se em pedras de fogo, varzeas rutilantes de vagalumes, mancheias de rubins, presepios, — um apparatus de apotheose de drama sacro.

O Rio de Janeiro.

A N I S I O G A L V ã O





Dando ás ruas a alegria que  
ellas têm, quando o sol  
está bonito

A sra. Curie, a mulher genial que em 1898, com seu marido, o sr. Curie, descobriu o radio, é uma das grandes capacidades femininas.

A sr. Curie, foi ajudante do professor Becquerei, na Faculdade de Medicina de Paris.

Era de uma austera distincção, apesar de jovem, e quando terminou o seu curso, recebeu o diploma de doutora.

Logo depois casou-se com o professor Curie, que tambem era ajudan-

te no laboratorio do professor Becquerel.

Foi nesse laboratorio que o sr. e a sra. Curie, quando faziam experiencia de radioactividade, tiveram a primeira noção do radio, uma força então completamente desconhecida. A sra. Curie descobriu o radio depois de annos de trabalho assiduo num miseravel barracão, que lhe serviu de laboratorio, no

pateo da casa onde ella e o marido tinham um modesto apartamento.

A descoberta do radio deu á sra. Curie renome mundial.

Quando, ha tempos, visitou a convite e á custa das senhoras americanas, as grandes cidades daquelle paiz, as mulheres subscreveram a importancia de 100.000 dollares (800 contos da nossa moeda) como

presente a ella para a compra de algumas centigrammas de radio para o seu laboratorio em Paris.

Immediatamente depois da descoberta do radio pela sra. Curie, foi aberto á sciencia um immenso campo para experiencias com o radio, e sua applicação especial ás doenças malignas e no cancer.



## I

Um dia eu vi pelos ares  
Cardumes de passarinhos  
Negros uns, como os pezares,  
E outros alvos como arminhos.

Aos alvos, que eram meus sonhos,  
Perdi de vista por fim,  
Emquanto os outros, medonhos,  
Pousavam perto de mim.

E, destruída a seara amiga  
Que eu tinha no coração,  
Deixaram-me assim: mendiga  
De crença, amor, illusão...

## TROVAS

de  
EDWIGES  
DE SÁ  
PEREIRA

Para  
o  
violão  
de  
Janina

## II

Das aves na amena escola  
Quiz aprender a cantar:  
Ai de mim! que a pomba-rola  
Foi quem veio me ensinar...

E um beija-flor, em palestra,  
Chegou até a me dizer:  
— Parabens! passaste a mestra!  
Teu canto me faz soffrer!

Quem quizer de amor a prova  
Dê tempo ao tempo, porque  
O brilho da lua nova  
Quasi que a gente não vê...



(F. Rebello)

U m t r e c h o d o R e c i f e v i s t o d o a l t o

**P**UXOU a chave da fechadura do portão. Metteu-a no bolso, onde estava a outra, da sala de visitas. Poz-se a tilintar as duas, tristonho, lendo o pequeno cartaz que collára a uma das janellas:

VENDE-SE

Para tratar no Armazem  
Triumpho nesta mesma rua.

Ali, na calçada, deante da casa vazia, Tancredo Borges teve vontade de chorar. Dois annos da sua vida ficavam dentro della. Comprára-a nas vésperas do casamento, com o dinheiro herdado da madrinha. A bôa madrinha!... Lembrava-se do tempo em que a visitava, menino, tremulo, sem geito de talar. Respondia apenas ás perguntas, apenas, e por palavras cujas ultimas syllabas lhe encalhavam na bocca. A madrinha morreu em Janeiro, depois do Centenario da Independencia, num dia de chuva, e deixou-lhe trinta contos.

Quando conheceu Marianna, sentiu que era o amor. Chegava da juventude, sempre timido, já funcionario publico. A mãe fôra-se embora para o Norte, em companhia da irmã, mulher de um medico bahiano, tambem chamado Borges. Não eram parentes. Coincendencia.

Marianna, ás primeiras horas do noivado, indagou enternecida:

— Você me quer muito bem, muito bem mesmo, Tancredo?

— Muito... muito...

— Todo o bem do mundo?

— Todo... mais ainda...

Casaram-se. Ella, magrinha, risonha, tinha um dente de ouro, vinte e quatro annos e a vontade doida de ser feliz.

Não foi feliz. Os ciumes do marido, logo de começo, apagaram o sorriso de encanto que Marianna usava desde pequena. As continuas brutalidades de Tancredo envelheceram-n'a depressa. Passados mezes, ninguém, ao encontral-a, se recordava da Marianna, a cara mais contente da rua de São Christovão. Seccou. Enteiu.

Afinal, uma manhã, assim que elle sahiu para a repartição, bebeu lysol. Acabou-se.

Tancredo voltou para a pensão, a mesma de solteiro. Fez leilão dos moeis. Ia vender o predio.

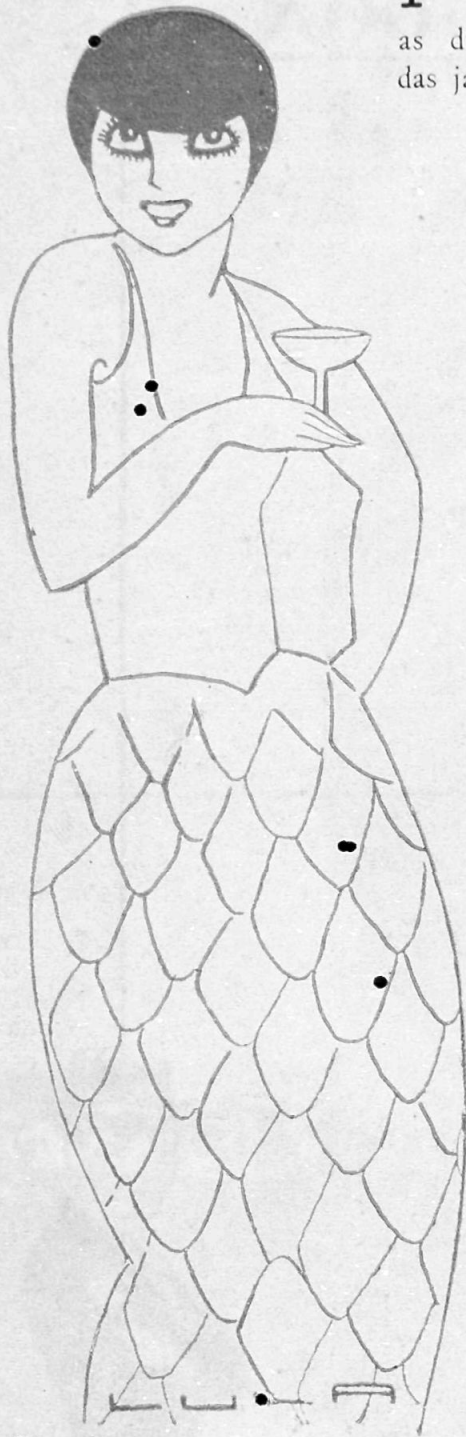
Sosinho, agora, ao abandonar a morada lugubre, ficou o letreiro, relia-o:

VENDE-SE

Para tratar no Armazem  
Triumpho nesta mesma rua.

Pensava em Marianna. Pensando nella, atastou-se, a custo, de vagar, cabeça baixa, hombros cahidos — desgraçado... Pensando nella, ia murmurando:

— Como eu lhe queria bem... Como eu lhe queria bem!...



Querer  
bem

de

Alvaro  
Moreyra



# MIS AMIGOS DE LISBOA

## RECUERDOS DE PORTUGAL

### I

AFFONSO GAYO

Barbado rostro de asceta...  
 La palidez de su cara  
 huele a muerte... Solo viven  
 sus ojos... Y sus miradas  
 son tan vivas que, tememos,  
 cuando alucinado habla,  
 que las chispas de sus ojos  
 le van á quemar las barbas.  
 Adivina lo invisible  
 y hasta lo impalpable palpa...  
 ? Lleva un fantasma consigo  
 ó él es su propio fantasma?...

### II

AUGUSTO GIL

Apesar que ante el espejo  
 hace tiempo peina canas,  
 aún tiene ese aire romántico  
 de un estudiante que acaba  
 de empeñar todos sus libros  
 y hasta su propia guitarra,  
 para comprar a su novia  
 un ramo de rosas blancas...  
 • Ha tiempo dejó Coimbra...  
 Mas si de Coimbra faltó,  
 en Coimbra vive siempre  
 porque la lleva en el alma!

V I L L A E S P E S A





F R I E D M A N,  
o grande pianista polaco que a Cultura apresentará ao nosso publico nos dias 2 e 4 de maio

É do noticiário dos jornais a auspiciosa nova dos próximos concertos em Recife, do celebre pianista allemão Friedman.

Com o grande «virtuoso» do teclado, inicia a temporada artistica deste anno a «Sociedade de Cultura Musical».

Nada mais grato aos amantes da musica. Por demais longo já se ia tornando o periodo de férias daquella util associação.

Porque, não fosse a «Cultura» e não teriamos tido entre nós os grandes nomes que culminam, actualmente, na arte maravilhosa dos sons.

— —

Ao relatarmos a noticia acima, nos sentimos satisfeitos em ver que a «Cultura» volta a abrir a intimidade dos seus recitais, aos que, por quaesquer motivos, não lhes sejam ainda associados.

O publico, mediante uma contribuição mais elevada, por isso mesmo justa, poderá assistir aos concertos do grande pianista Friedman.

Com essa medida, parece-nos disposta aquella associação, a afastar-se de um dispo-

sitivo dos seus estatutos, que, como por diversas vezes já aqui o fizemos sentir, vinha entravando a marcha de sua finalidade, com uma especie de resistencia passiva, reflexo de indissimulavel desagrado, que tal dispositivo ia pouco a pouco generalizando, mesmo entre os seus associados.

Queremos crêr que a experiencia tentada, fechando os recitais da sociedade ao comparecimento dos que lhe são estranhos, deixou patente a inoportunidade da deliberação estatuída.

Conquanto não possamos adiantar se o precedente ora aberto implica na revogação do fechamento da «Cultura», nem por isso devemos deixar de registrar aqui o facto, dado o exemplo com que sempre procuramos demonstrar, o que a realidade e a experiencia, parece terem confirmado.

E se a deliberação tomada, tem caracter transitorio, o futuro torçar-lhe-á a effectividade.

Aguardemos a marcha dos tactos.

Por ora, agradeçamos á «Cultura» a bella promessa com que ella nos acena — os recitais de Friedmann —.



commum o uso dos canniços e das pennas de ave para escrever, até que de ahí por diante só se passou a empregar estas ultimas. As pennas metallicas, hoje universalmente

O instrumento de que os antigos se serviam para escrever com tinta, ou qualquer liquido corado, era um pequeno canniço, chamado em latim calamus, que os romanos mandavam vir do Egypto e da Corsega. A palavra «calamus» vem de «callem», nome por que taes canniços ainda hoje são conhecidos na Asia e de que ainda se servem os turcos, os gregos e os persas. E' Isidoro quem primeiro fala das pennas no seculo VII, como instrumento, para escrever, sendo opinião commum dos mais autorisados escriptores que os romanos lhes não davam essa applicação, pois que, se assim fosse, teriam consagrado o ganço á Minerva, em vez de a essa deusa dedicaram a coruja. Até ao seculo X, prevaleceu

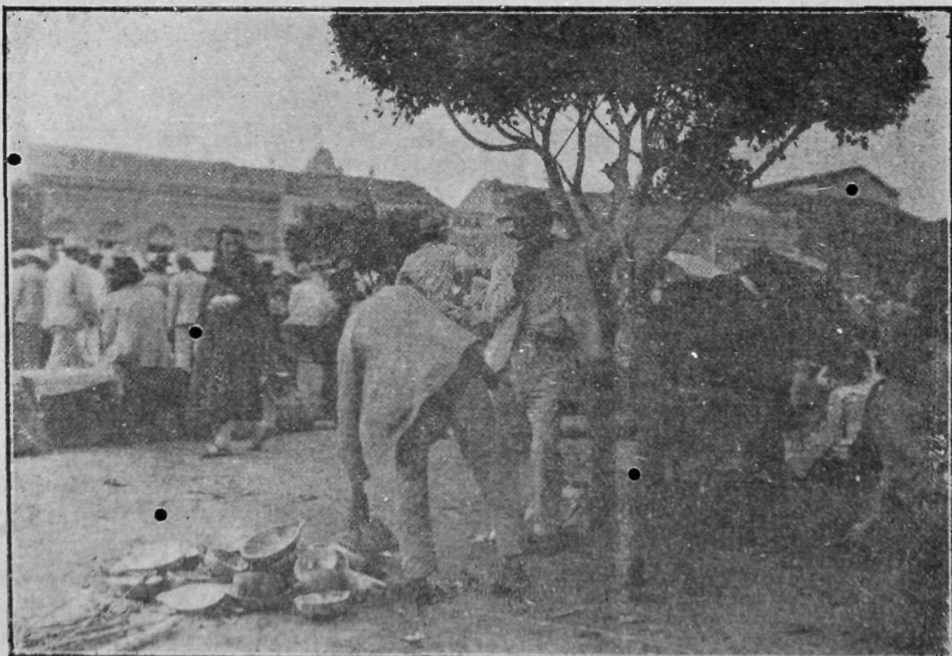


( M. Parahim )

**Tocador de flauta de bambú**

adoptadas, foram inventadas no seculo XVIII por um francez chamado Arnoux, cujo processo foi depois muito aperfeçoado pelos inglezes e allemães, até que se chegou á fabricação das que actualmente se empregam.

ESTA em Recife, desde alguns dias, a galante e pequenina declamadora parahybana Elyete Pereira que volta a alegrar nos com a sua encantadora alegria de menina privilegiada, para dizer-nos, mais uma vez, os versos novos que ella tem aprendido dos grandes poetas. Elyette dará brevemente nesta cidade o seu recital que será uma festa deliciosa, doirada pela sua graça innocente de criaturinha a quem Deus concedeu dons espeziaes.



( M. Parahim )

**Nas feiras se vende tudo . . . Até panelas de barro . . .**

Dona L...

Dona L. é bonita e bôa. Sabe envolver na sua teia de sedução áquelles que lhe passam ao pé. Tem sido assim muitas vezes. Agora Dona L. tem, apaixonado por seus olhos negros e pela atracção que se irradia de seu corpo mais ou menos esgalgo, aquelle rapaz de olhos claros que ainda não pode dizer-lhe tudo a pizar da vontade que tem de abrir-lhe a alma e soltar-lhe no regaço todos os madrigaes de sua paivão. Pode ser, entretanto, que os dois temperamentos não se harmonizem bem e o romance que está iniciado fique pelo caminho... como qualquer novella em folhetins quando a empreza editora abre fallencia... No caso, então, a fallencia seria perigosa: a fallencia do amôr...



Poeta por amôr...

O elegante, quasi bonito e atirado rapaz é, como toda gente que se presa, um cidadão accesivel ao amor, dono de um coração que bate incessantemente pelas pequenas bonitas que a cidade tem. Foi por isso que, outro dia, louquinho por uma encantadora boneca que se baptisou com o nome delicioso de Maria Carmen, mandou-lhe bombons e amendoas para dar o que fazer aquella boquinha

de menina elegante. Não esqueceu, porem, o joven apaixonado de mandar-lhe, com os bombons e as amendoas estas quadrinhas:

«Maria Carmen:

vão balas,  
bombons p'ra você chupar,  
balas que são tão doces  
quanto é doce o seu fallar.

Vão mais umas amendoas  
que são p'ra você tambem...  
amendoas grandes, taes quaes  
os olhos que você tem...

Pode haver versos quebrados, pieguismo, etc., mas ha, acima de tudo, amôr. E para um poeta que é poeta por amôr, não precisa mais...

Futurismo do amôr...

O elegante fazedor de versos apaixonou-se por uma jovem poetiza. Tomado de paixão, deu-se a fazer continuos rodeios á linda creatura. Ha, porém, mettido no embrulho um outro fazedor de versos. Depois, chegou, tambem, uma declamadora. Desse modo, não tardará em sahir dahi uma poesia ultra-futurista, confusa como os versos dos dois herões. E para atrapalhar tudo ainda sobra na historia o prestigio do primo da declamadora. O leitor percebeu alguma cousa desse embrulho... poetico? Nós tambem não percebemos. Elle chegou por carta.

Poeira...

Essa, mais ou menos, a poeirinha leve. A mais pesada não é bom vir a publico. Traz complicações. Por isso, o que está, linnhas acima, arranjado com intencional discricção, tudo...





# OUR ENGLISH PAGE

## BRITISH COUNTRY CLUB.

Tonight's the night for the «Cinderella» dance.

## ENTERTAINMENT SOCIETY.

We have the pleasure to announce that on Saturday the 18th. of May, the Pierrot Show entitled «The Phrolix», being produced by Mr. King, will be presen-

ted at the Theatre St. Isabel and members of the Society will be given the usual opportunity of acquiring their seats before the tickets are on sale to the public.

Any members of the colony desirous of joining the Society should send their names to the Hon. Secretary, Mr. S. E. Logsdon, c/o The British Town Club.

The annual subscription is 10\$000 and the privileges offered include the early booking of seats apart from the taking part in performances.

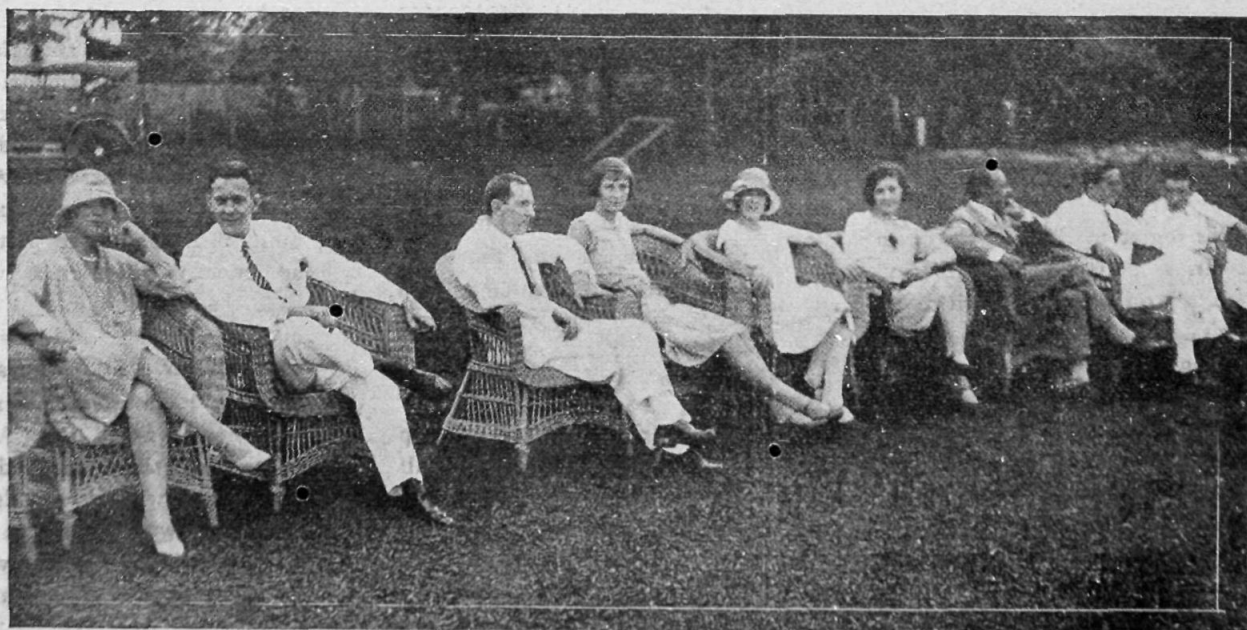
Following Mr. King's show, a play will be presented, at an early date.

DR. OLIVEIRA LIMA.

Our readers will remember that



The Western Rucker Team which beat the Club last Sunday by 3 goals (1 dropped and a Try to nil. — Result: — 17 — 0.



Watching the recent «Rucker» match at the Country Club.



“Pimple” Wright in golfing mood.

Dr. Oliveira Lima, the Pernambuco Writer and Diplomat, died in the United States of America some time ago. It may therefore be of interest to state that, by the S. S. «Vandyck», which left Pernambuco for New York on the 25th. inst., a quantity of Brazilian soil and a tomb-stone weighing 800 kilogrammes, were shipped to the memory of the illustrious Pernambucano by a commission of representative admirers.

OBITUARY.

We regret to announce the death of Mr. Frederick Edward Hewson (age 27) on Saturday, April 20th., at «The Quarters», Becco do Padre Inglez.

He was buried at the English Cemetery, St. Amaro and a great number of his English and Brazilian colleagues and friends paid their last tribute at the graveside. The Rev. F. le Neve Bower conducted the service.

Mr. Hewson joined the Western Telegraph Co.'s. service in 1923

and had served at Madeira and Pernambuco.

Our deepest sympathy is extended to his relatives.

THE CONSUL'S RAFFLE.

We understand that a 1928

«Chevrolet» car changed hands for 50\$000, the other day. Mr. Roberto Rabello was the lucky winner and cars at this price will revolutionize Pernambuco transport!

FROM «THE MORNING POST», 29/11/1929.

BRAZILIAN SKETCHES

THE PURSUIT OF THE BEAUTIFUL

BY

RUDYARD KIPLING

I had some friends — but I dreamed that they were dead —  
Who used to dance with lanterns round a little boy in bed.  
Green and white lanterns that waved to and fro:  
And I haven't seen a Firefly since ever so long ago!

I had some friends — their crowns were in the sky —  
Who used to nod and whisper when a little boy went by,  
As the nuts began to tumble and the breeze began to blow:  
And I haven't seen a Cocoa-palm since ever so long ago!

I had a friend — he came up from Cape Horn,  
With a Coal-sack on his shoulder when a little boy was born;  
He heard me learn to talk, and he helped me thrive and grow:  
And I haven't seen the Southern Cross since ever so long ago!

I had a boat — I out and let her drive.  
Till I found my dream was foolish, for my friends were all alive  
The Cocoa-palms were real, and the Southern Cross was true:  
And the Fireflies were dancing — so I danced too!

A trip south.

The purple-blue seas pushed under and crowded back behind the ship; the sunrises, without a shiver to them, when the day rules at once, full-born; and the instant down-dive of night over the very head of the sunset, had been forgotten too long for the soul's health. One had to catch up with these.

The clerks of «Pernam».

Then, one early morn, our ship stopped, and by consequence all the little draughts and breezes that run up and down her stopped too; and heat — the genuine heat of lands that have not «weather» — beat friendly on the back. It was Pernambuco, opening another

jewelled day, with boats alongside where men sold golden and pink mangoes, and green parakeets, every patch and flash of colour definite as enamel work; the whole backed by the concrete of new piers, oil-tanks and warehouses. Behind these, low coast with veritable palms and bananas, quite unchanged since last seen, and hints of villas on a wooded cape that ran out into the turquoise. Overseide, dim shapes of shovel-nosed sharks who are respectable harbour-scorpions and need not be fished for. And as one stared, there unrolled itself a length of well-known film — a shore-boat with a man in white kit that had been often washed. He came aboard and introduced himself to a very young man in quite new London «whites», with



the creases still down the front of the trousers, who turned to his companions and bade them farewell. It was just a Pernambuco Bank taking over a new clerk. When the pair were gone — the young figure looking all ways at once — and I had finished estimating the number of shore-boats of different makes, in different ports, at that hour, with allowance for change of time, conveying just the same suit of whites — I asked a man, «What do you think he'll make of it?» «He'll like it no end, and he'll talk about his first commission at Pernam, as long as he lives. They all do. I know I did. It's a dear little place.» Which may be good news to some mother, the far side of the sea.

And further, this beach gave me this tale for the instruction of psychologists. Not long since, a couple of Bank clerks of Pernambuco went out (men take liberties with these waters) three miles in a Canadian canoe, which upset. After due consideration, the one who could swim best pushed off for the shore to get help. It took him hours and hours; but what he resented most, at the last despairing lap, was sight of his lit club-house on the shore, where he knew his friends were all

drinking happily. However, he survived, gave the news and a launch hurried out and rescued the other man after some sixteen hours soaking. HE, the tale ended, was all right; but the swimmer went «absolutely off» gin and bitters for weeks. He said they, somehow, reminded him of the taste of salt water.

S. S. «GELRIA», 23/4/1929.

#### Departures for Europe :

Mrs. A. B. Kerr & son.  
Mr. & Mrs. C. A. Sfezzo and child.

#### Arrivals from the South :

Mr. Oscar Hinrichs.  
Mr. Julius Howard Wise.  
Miss Charlotte Helena Main.  
Mr. Walter William Williams.

S. S. «ALMANZORA» 25/4/1929.

#### Departures for Europe :

Mr. Alexander G. Weigall.  
Mr. Alfred J. Channon.  
Mrs. Amelia H. Channon.  
Mr. Victor G. W. Woods  
Mr. James Loynd.  
Mrs. Ivy Loynd.  
Miss Joan M. Loynd.

Mr. Ivan C. J. Swain.  
Mr. Benjamin Simpson.  
Mr. Philip A. Wright.  
Mrs. Alice D. Emerson.  
Mastr. Harold E. Emerson.  
Mr. Edward H. N. Norrington.  
Mr. Raymond E. Grace.  
Mr. Francis A. A. Martin.  
Mr. Percy Daniel.

#### Arrivals from the South :

Mr. Joseph A. Bureside.  
Mr. Louis Coveri.  
Mrs. Gertrude Coveri.  
Miss Anita Coveri.

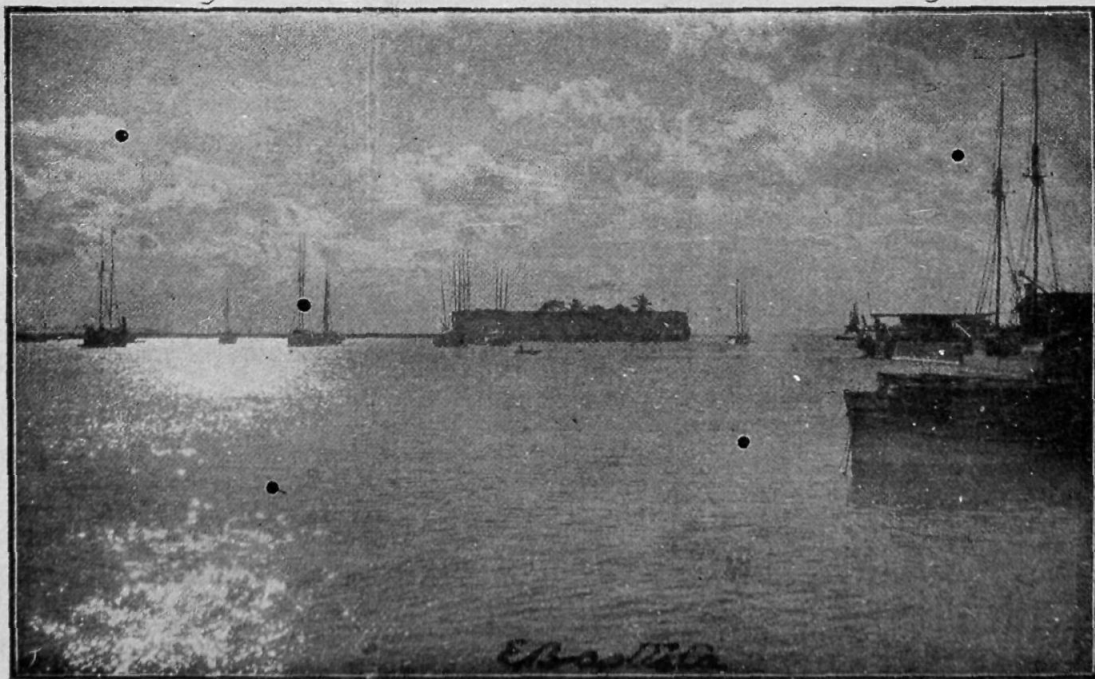
S. S. «VANDYCK» 25/4/1929.

#### Departures for U. S. A. :

Mr. & Mrs. Arthur Smith (Singer).  
Mr. & Mrs. H. E. Brown (Singer).  
Mr. Osmar Radler de Aquino, Filho.  
Mr. & Mrs. A. E. Hayes and three children.  
Mr. & Mrs. George de Veer, Jr.  
Mr. George de Veer Snr.  
Mr. Hendell Morris.

#### Arrivals from the South :

Mr. B. H. Brister.



Porto de São Salvador — Bahia



ou invalido é rigorosamente internado e em asylo.

Mesmo na mais humilde aleeia allemã, ha albergues nocturnos para recolher os necessitados de trabalho.

As camaras municipaes fazem convites aos municipes para que não dêem esmolas, tendo collocados á entrada das

digos de profissão recuperam o amor ao trabalho, deixando-se ficar pelas aldeias; outros porem, ao ouvir a palavra trabalho, desapparecem.

NOS começos do século XIX, foi uma celebridade no seu genero o ventriloquo Car-

Soci

Fa

EM janeiro de 1915, o conselho de revisão militar francez tinha que examinar um homem tatuado da cabeça até os pés.

Mostrava elle uma flôr em cada uma das espaldas, um vaso de-noite no dorso, no peito uma mulher em sumptuosa toilette de baile um olho em cada uma das partes mais carnudas da sua pessoa, varios leões nas côxas, divisas nos braços e ao redor dos rins a «Marselheza» com todas as suas côplas.

O major medico, espantado teve uma phrase:

— Já não ha lugar para mais nada!

O homem perfilou-se firmemente (era um veterano das batalhas da Africa). e disse:

— Perdão, ainda ha lugar para uma bala.

A unica nação que não possui mendigos é a Allemanha, tendo decretado uma lei rigorosa eontra elles, a qual é integralmente cumprida.

Assim, aquelle que é surpreendido á mendigar, se é util para o trabalho e a elle se negar, é punido com contemplação. Sendo velho



povoações letreiros com os seguintes dizeres:

«Todo o viandante necessitado encontrará alimento e asylo no albergue dos pobres, em troca dos quaes lhes exigem determinadas horas de trabalho.

Inutil seria accrescentar que este systema tem produzido excellentes resultados.

Os que não são men-

los Conte. Contam-se delle muitas anedotas divertidas e ás vezes macabras.

Uma vez que visitava a igreja de uma pequena povoação, divertiu-se fazendo sahir a voz dos defuntos das sepulturas que havia no templo. Alguns aldeões que se encontravam presentes, julgaram logo que uma velha enterrada no dia

Grupo de sen

sociedade que

o ultimo ché

Int





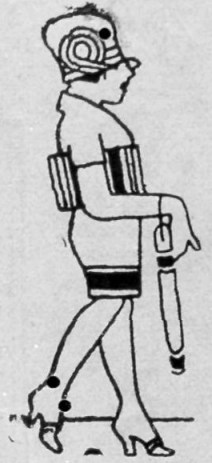
OS

idade

anterior não estava morta, mas sim cahida em lethargo, e tomados do maior sobresalto não descançaram enquanto não conseguiram que se desenterrasse o corpo. Carlos Conte, intimidou-se com a marcha que ia tomando os acontecimentos e não sem motivo, pois só teve tempo de eclipsar-se

O estylo e as mathematicas teem entre si bem pouco de commum.

Comtudo, o professor inglez Mendenhall descobriu a maneira de definir mathematicamente o estylo de qualquer escriptor e de resolver se uma obra de authenticidade duvidosa pertence ou não ao auctor



se ajustarão todos os outros escriptos do mesmo auctor.

O professor Mendenhall fez já a prova do seu methodo com as obras de Dickens, de Thackeray e de Stuart Mill. Cada uma das obras d'estes autores tem, em cada fracção de duas mil palavras, quasi exactamente a mesma porporção de palavras curtas, que apresenta qualquer dos seus outros escriptos. E o que é notavel é que a porporção varia, muito sensivelmente conforme os escriptores.

Quando quebra uma casa bancaria na China, são decapitados os directores e todos os empregados, e faz-se um montão com as suas cabeças e com os livros da contabilidade. A energia do castigo talvez seja causa de não haver quebrado nenhum banco do Celeste Imperio, nos ultimos 500 annos.

TODO o homem é uma criança, toda a mulher uma boneca. De forma que, toda a vida, o homem brinca com bonecas...



nosso alta  
encantador  
do "Club

antes de se levantar-se contra elle todo o povo escandalisado.

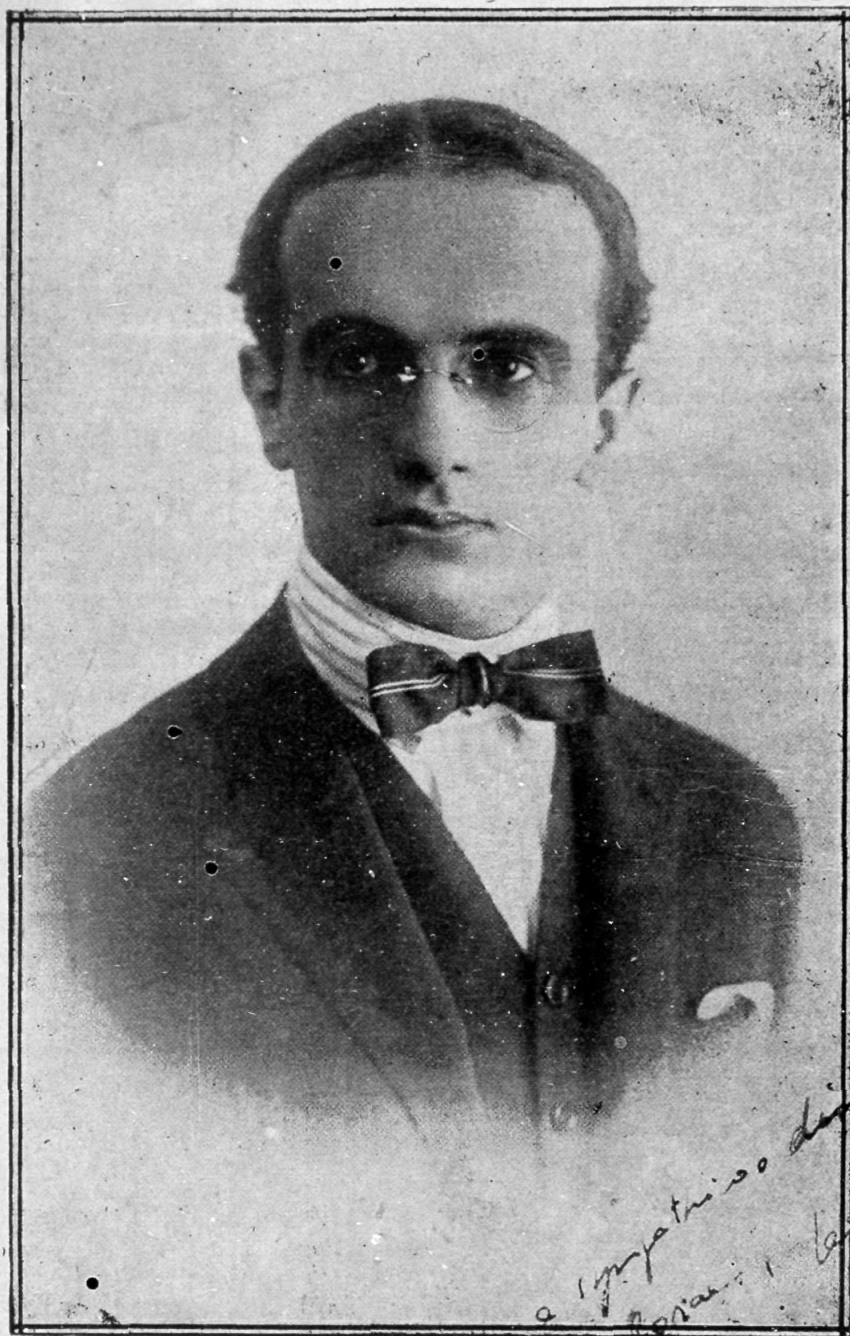
Os imitadores de Conte teem reproduzido mais de uma vez essa brincadeira tão pesada como macabra, a qual contribuiu sem duvida, para vulgarisar o temor felizmente pouco fundado, das inhumações precipitadas.

a quem é commummente attribuida.

Consiste o systema em tomar por base a porporção das palavras curtas e das palavras compridas usadas por cada auctor.

Toma-se uma obra qualquer e contam-se até duas mil palavras, classificando-as em curtas e cumpridas. E' certo que á proporção obtida

# FANTASIA PSYCHIATRICA



B A R B O S A L I M A  
S O B R I N H O •

○ homem sentou-se na cadeira que o grande neurologista lhe oferecia :

— Doutor, sinto que o meu caso é mais serio do que parece. Raciocino com absoluta nitidez, tenho a intelligencia aguçada, a memoria perfeita. Nenhuma irregularidade maior no meu somno; o proprio pulso é constante e igual. Mas não consigo trabalhar. A attenção divaga sem obedecer á vontade.

Não chego a ver claramente o que se passa em torno de mim, nem ouço bem o que se diz por perto. Não tenho nada na vista, ou na audição. E comprehendo que a responsabilidade de tudo cabe á attenção, que é sempre escassa, inconstante, fugitiva. Até agora, Doutor, a descripção não o assustou. O Doutor deve estar bastante habituado com esse a-b-c das molestias nervosas. Mas eu não



disse ainda o principal, e estou certo de que vae perder essa impassibilidade.

O homem levantou-se meio espantado, com os olhos excepcionalmente brilhantes e sacudindo as mãos deante do rosto. Deu alguns passos agitados pela sala. Pegou depois a cadeira em que estava sentado e collocou-a mais perto do medico. Voltou a falar com um ar mysterioso, a voz quasi surda, os olhos ardentes, e espreitando agoniadamente em redor, como quem receia a entrada de terceiros.

— Sim, Doutor, aqui, onde me vê, sou um sujeito fabuloso, inacreditavel. O senhor pensa que estou mesmo aqui?

O medico balançou-se devagar na cadeira, numa attitude de maior interesse, e fez com a cabeça um ligeiro signal affirmativo. O seu interlocutor ria da resposta, um riso estridente, desigual.

— Eu não lhe dizia? o Doutor pensa que estou aqui!

— Então, o amigo não está aqui? Muito bem. Vejo realmente que me enganei. Mas onde está afinal o senhor?

O sujeito parou de rir. A physionomia tornou-se novamente grave e mysteriosa. Aproximou-se ainda mais do medico e lhe disse quasi ao ouvido:

— Isso é o que eu queria saber. Vejo bem que não estou aqui. Quero dizer: aqui

está o minimo de mim mesmo, o corpo, a palavra, um pouco dos sentidos. Mas a intelligencia e tudo o mais se encontra á distancia. Eu vivo longe, numa cidade mansa, toda feita de collinas que adormeceram sob as caricias do sol. Se o doutor me pudesse informar onde fica a cidade, eu iria sem demora ao encontro de mim mesmo. E como lhe seria agradecido, Doutor!

O medico fechou os sobrolhos, pensando sisudamente. Mas um vinco malicioso começou a destacar-se-lhe no canto da boca.

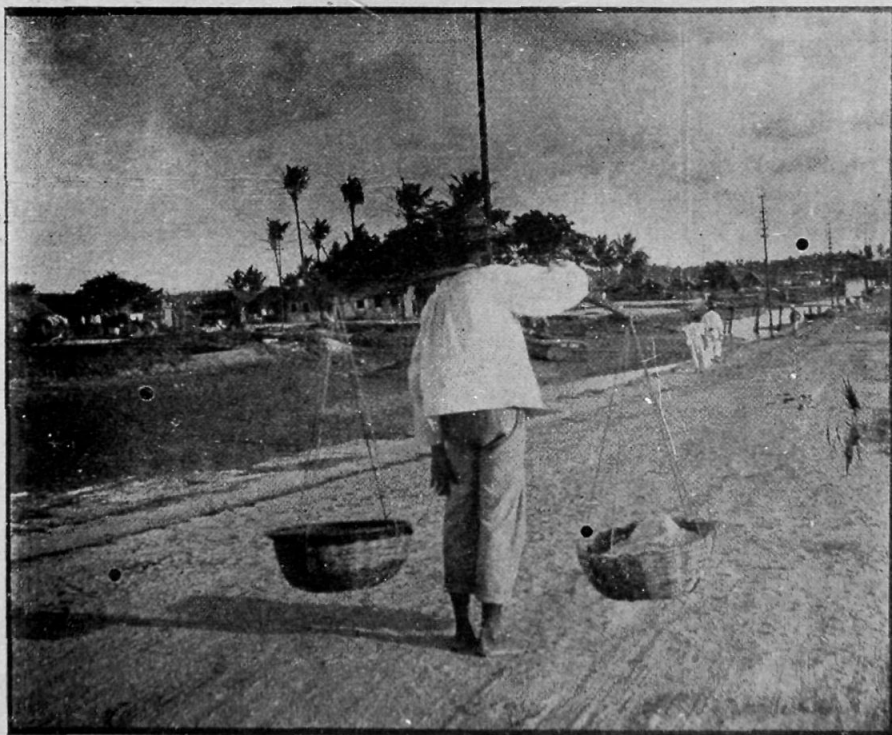
— Espere lá! Mas o senhor não ficaria sosinho?

O sujeito corou esplendidamente, colhido pela rapidez da indignação:

— Não ella viveria tambem na cidade clara e pacifica. E é por isso que eu não estou aqui, muito embora toda a gente pense o contrario. Em qualquer ponto em que se encontre o meu corpo, eu estou onde ella viver.

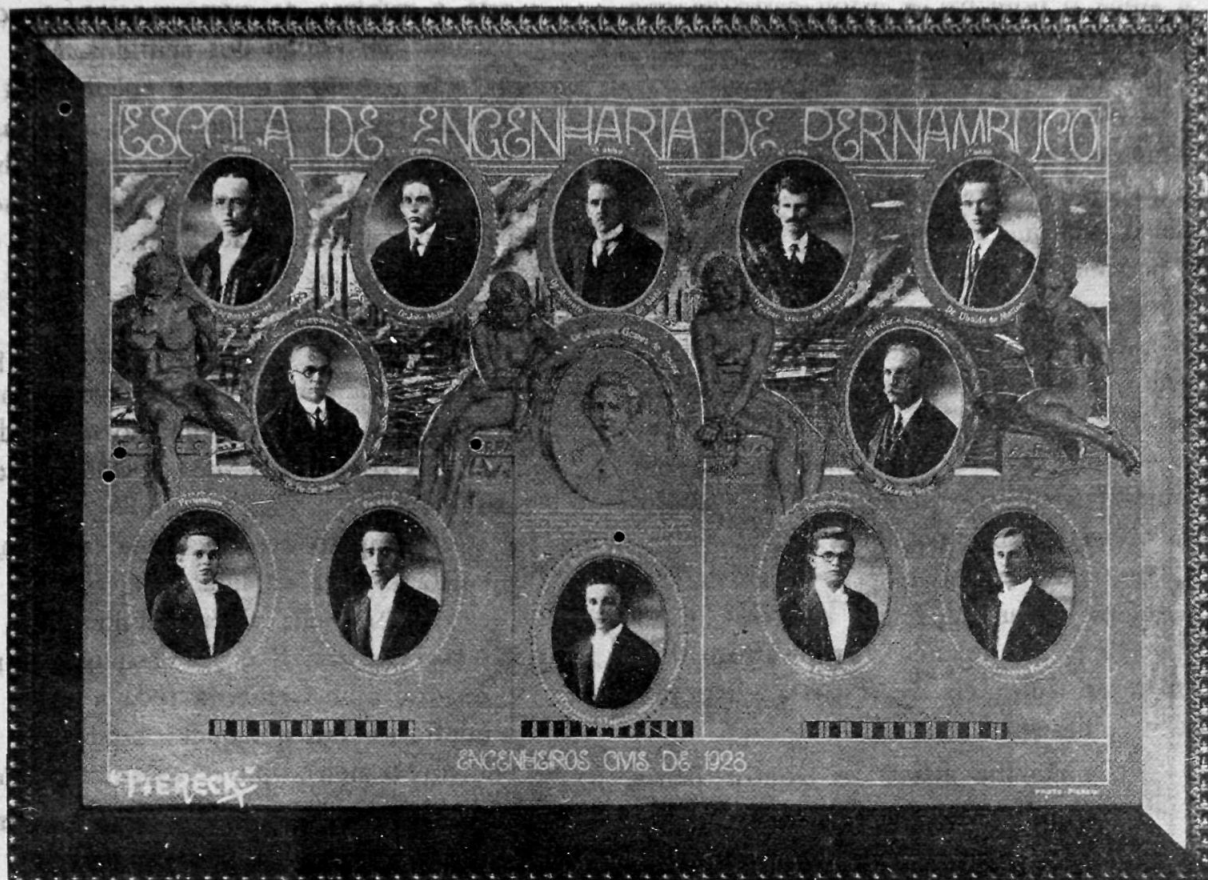
Agora era a vez do medico fallar e fallou irritado:

— Vá se embora! Você assustou-me com o seu caso, para afinal acabar nessa tolice. Saiba que os medicos só se preoccupam com as loucuras inuteis. Agora ouça bem! Procure integrar-se na sua attenção. Esse «minimo de mim mesmo», como o senhor se definiu, é o quanto basta para um grande desastre de automovel.



Scenas  
das  
estradas

o freguez  
dos  
balaios



CONTA Voltaire numa das suas notas a «Heuriade», que o rei de França, Henrique III (assassinado em 1.º de Agosto do 1589 por Jacques Clement), era tão dado aos excessos do luxo e da affectação,

**Os novos engenheiros diplomados pela Escola de Engenharia de Pernambuco**

como a mais «coquette» das mulheres; dormia com luvas duma pelle especialmente fina para conservar a belleza das

mãos, que elle tinha mais bellas do que nenhuma das damas da cõrte e untava o rosto com um preparado es-

pecial e sobre elle ainda collocava uma mascara de cêra perfumada. Era tão exigente no seu vestuario como nos dos seus cortezãos, a ponto de expulsar do palacio um dignatario por se lhe ter apresentado mal vestido

Essa duqueza, assim, tão bella e pensativa,  
De olhar encantador e esbeltas attitudes,  
Foi sempre para mim um mimo de virtudes  
E tudo o que traduz a graça que captiva.

Severa para alguns e para os mais altiva,  
Contudo, para mim, só tem sollicitudes;  
Por mim fõra capaz das provas as mais rudes,  
E, só por ter-me, a mim, a todos mais se esquivava.

Tão louca ella é por mim que, um dia, o seu conceito  
Em duvida o julguei; foi quando eu acordára  
Com ella, ainda a dormir comimigo, no meu leito!

— Duqueza, por quem sois! Pesai vossa imprudencia!  
O mundo, si o soubesse, o que de vòs pensára!?...  
.....

E a gata ainda ficou dormindo com indolencia!

Amores  
de  
Duqueza

de  
Marcello  
Ramalho



## C Ú R R A L

Na manhãzinha friorenta,  
a névoa desce e vem connôco tomar leite  
ao pé da vacca.

Ah! os moirões, que insidia!  
cheios de carrapatos  
dos bois que nelles se esfregaram pela noite.

( - « Não se encoste . . . » )

Chinélos praciosos que se atólam  
por descuido  
no estrume ainda mólle e quente . . .

A queixa afflicta dos bezerros desmamados  
alternando com os urros  
dos novilhos no cio . . .

A feroz catadura do « Nocturno »  
junto ás farpas fataes do « Peça fina »  
em permanente ameaça . . .

Curral . . .

Mas, no curral, tambem:  
este cheiro-saúde que, dir-se-ia,  
os ares revigóra e aduba a terra . . .

. . . e, sobretudo,  
a delicia sem par de um canéco de leite  
espumarento e puro  
bebido assim como quem bebe o Céu! . . .

Engenho

“Santa Fé”

20 - IV - 929

AUSTRO  
- COSTA





## B I L H E T E S



S A M U E I C A M P E L L O

Carvalho Filho :

Bahia. •

Viva! Recebi sua carta onde você diz que, apesar de meu bigode, já me quer um bandão bom de bem.

E pergunta se consinto neste bondosismo. Ora se consinta... E fico cheio de mim com essa consulto do poeta de «Rondas». Meu bigode, porem, não gostou nem nada. E não se torceu todo de raiva foi porque não tem mais as pontinhas de outr'ora, viradas para cima e enceradas com «Hongrois». Hoje elle é um bigodinho da moda. Aparado. A cara raspada é que vai sendo passadista.

Mas ficou bem zangado. Mesmo porque o nosso Pedro de Alcantara já lhe tinha feito uma gravata para você.

Dissera o Pedro (rapaz intrigante; que você estranhara usar bigode um poeta moderno como... o dono de meu bigode.

Que esperança, Carvalho Filho... Lá por que publiquei «Pastoril de minha terra» em «Arco & Flexa»—a bella revista de vocês—isto não quer dizer que eu seja poeta. Nem poeta e nem moderno.

Martelar versos não é ser poeta. Quanto a moderno, meu negro, não sou moderno perpetrando hoje «Pastoril» e coisas que taes, como não sou passadista quando versejo umas quadri-

nhas, genero muito de minha apreciação.

Nem futurista eu sou, Carvalho amigo. Escrevo o que me vem a cabeça e minha penna dei-

xa correr no papel, por que o papel tudo aguenta. No tinteiro é que só deixo mesmo a borra da tinta. Mas isto tudo sem preocupação de es-

rylos, nem escolas. Como sinto no momento. Serei impressionista? Nem isto. Creio que sou eumesmista.

E como sou eu mesmo, com bigode ou sem bigode, esse meu pequeno varredor de injurias que tenho abaixo do nariz não prejudica o meu modo de escrever.

Sabe você que, por causa delle, o Julinho de Mello (é daqui do Recife) já fez uma pilheria ao noticiar a representação de uma peça minha?

Disse que eu fôra chamado á scena como autor mas me confundiram com o scenographo por ser meu bigode um pincelinho... Não o raspo, está decidido. E' um bigodinho que vai contribuir para a minha «Historia do Theatro em Pernambuco».

E que mal faz um bigode de sôpa e espirito de canja, como deixar de ter bigode e escrever assim num estylo de batatas fritas. (Batatas fritas não está comparado á asneiras doiradas?)

Mas a razão principal de meu bigode é muito outra, Carvalho Filho.


Você viu meu retrato viu o bigode mas não viu bem a bocca. Para isto é que serve a tapeação do bigodinho.

Minha bocca é enorme, Carvalho Filho. E o bigode dá-lhe um tom de menos grande.


Minha bocca é tão grande que um dia serei



logo depois da missa ...



CÊ RA DÔR  
PA RA DENTE  
DR. LUSTOSA







Senhorita Consuelo Porto, filha do casal Gomes Porto, scismando no mysterio das perolas

capaz de engulir o oceano todo, daqui até a Bahia e ir a pé enxuto abraçar você na rua dos Barris e a rapaziada cutuba de «Arco & Flexa».

Feito isto, despejo o oceano nos barris de sua rua e sou até capaz de raspar o bigode...

Venha de lá um aperto de mão.

**D**EU, é, acima de tudo, um bom scenógrafo. Os poentes mais belos são os mais artificiais, aqueles que parecem pintados. O firmamento é a tela onde Deus ensaia uma obra-

prima, que não acabará. A natureza é obra dum artista torturado.

**Antonio Ferro**

**P**ODEM-SE dividir em tres categorias as pessoas que nos ro-

deiam: as que ajudam a pensar, as que deixam pensar, e as que impedem pensar. — **G. Le Bon.**

**Q**UEM fala bem das mulheres não as conhece bastante; os que falam sempre mal não as conhece de todo. — **P. Lebrun.**

# AS MULHERES E O CIGARRO



**E**NTRE os diversos e variados crimes de que é acusado o Modernismo, o cigarro feminino é assinalado pelos «d. homem» como um dos maiores cataclismas sociais.

A pintura mais ou menos escandalosa, os cabellos cortados — que já tiveram também a sua época de escândalo

— as saias que sobem cada vez mais, as mangas que descem cada vez menos, as dansas de um barbarismo mais que primitivo, a emancipação feminina pelo trabalho, todos esses «escan-

dalos» trazidos pelo Modernismo, acabam por ser aceites porque cedo ou tarde tudo se aceita afinal!

A guerra ao cigarro tem sido no entanto mais longa, mais resis-

tente; escusado é dizer que a mulher vae fumar do tranquillamente, serenamente, atirando num sorriso dos seus labios rubros, com a fumaça azul do cigarro, a severa opinião dos homens...

Do vicio feminino do cigarro é injusta a accusação que se faz a este infeliz modernismo já tão carregado de culpas.



A mulher fuma e fumou desde todos os tempos; mas outrora mais tímida, talvez o fizesse mais ás occultas.

«O cigarro faz mal, a nicotina mata», asseguraram os medicos — fumantes em geral — com uma tocante solicitude.

O que mais mata... é a propria vida e ninguém se priva della.

A fumaça azul do cigarro faz esquecer, faz sonhar, embala docemente. A mulher é uma pobre criança que tem saudades do berço, das ingenuas canções da ama e que precisa ser embalada.

A fumaça azul que em volutas se perde, symbolisa o sonho que sóbe muito alto, muito alto e se desfaz no ar...

O cigarro é para a mulher o grande amigo das horas de solidão. Deixae-a fumar! ...

E para convencer os severos censores do cigarro feminino, vejámos um pouco o que dizem as chronicas de antanho:

Em 1850, quando estava em grande voga o tabaco de Virginia as proprias ladies, as severas ladies fumavam emquanto assistiam, cobertas de jóias, em vestes de gala, as representações theatraes. Em 1850! Não se pode realmente culpar modernismo, não é verdade?

No seculo XVII, fumavam as damas da Corte de França. E o que é bem mais escandaloso e sobretudo bem menos elegante, todas essas damas tomavam rapé! Léde Boileau e vereis que em muitos de seus versos elle declara pouco cavalheirescamente que os beijos

das mulheres emprestavam a tabaco.

Os cigarros de agora são perfumados. E os beijos tambem...

Em suas chronicas refere Saint Simon o seguinte tacto passado em Marly: Entrando um dia Luiz XIV nos aposentos da Duqueza de Borgonha encontrou-a rodeada de suas damas, bebendo aguardente e fumando cachimbos que haviam tomado emprestado ao corpo da guarda.

Viva pois a nossa Eva moderna que de paladar bem mais delicado toma aperitivos e fuma Abdula!

E' triste dizer, oh damas que fazeis uso ainda da passadista graça do desmaio, mas na época de Luiz XIV era com rapé que se reanimavam as damas que perdiam os sentidos.

A mulher de hoje não desmaia. Porque é menos sensível que suas irmãs de antanho? Simplesmente porque é mais forte deante da vida que ella encara sem grandes illusões... e mais orgulhosa talvez. sabe supportar os golpes de pé e de cabeça erguida, sem desmaio e sem o amparo de alheios braços...

Jorge Sand, a grande romantica, achava, com outras românticas daquelle tempo, que o cigarro era o complemento de elegancia.

Mas o cigarro não é só um complemento de elegancia.

O cigarro é tambem o companheiro bom que enfeita com a sua fumaça azul as horas de solidão, as cinzentas horas de Nirvana.

E quanta, quanta coisa escreve no ar, em volutas de perfume, afim de distrahir a tristeza que nessas horas anda a bailar-nos nos olhos, quanta coisa escreve a fumaça azul de um cigarro!

A fumaça mente... E' sonho, fantasia... Que importa, se a piedosa mentira consola e a verdade dura faz soffrer.

Na cõrte de Napoleão III todas as damas fumavam, relatam as chronicas do imperio. Madame de Pourtalès, a condessa de Marnes e outras não conheciam então as delicias de um «Gold-Yeur» ou o esquisito sabor de um «Pour la Noblesse»; e as damas da cõrte usavam simplesmente tabaco «caporal».

Era convicta fumante a rainha Margarida da Italia. De Maria Christina da Hespanha, ouviram os cortezaõs, um dia, estas palavras: «E' verdade que trago sempre um cigarro na mão; isto porém, não impede que segure com a outra as redeas do governo».

Grande fumante era a czarina da Russia: aliás todas as russas sãoapai-

xonadas pelo cigarro. E' por isso, talvez, que ha tanto sono nos olhos glaucos das formosas slavas. O sonho azul da fumaça; o sonho bom que mente e que consola...

A velha China é mais adeantada ainda. As pequenas chinezas principiam a fumar antes dos dez annos.

Fumam as morenas filhas do Congo; fumam as rumenas, as inglezas; as turcas, prisioneiras do harem, passam horas inteiras a fumar.

Fumam as louras norte-americanas; fuma a parisiense, deliciosa boneca de luxo e graça.

Fuma a brasileira e seus labios parecem que espalham beijos e palavras de amor, quando lançam no ar perfumadas e bizarras columnas de fumaça...

«Fumando espero aquelle que mais quero» diz a modinha popular que anda agora em todas as boccas.

O cigarro é o amigo das horas de solidão, das longos horas de espera.

E a fumaça azul que sobe, sobe, até perder-se no ar, é uma tagarela que enche o silencio da nossa solidão com deliciosas mentiras. A mentira boa que nos traz o sonho...

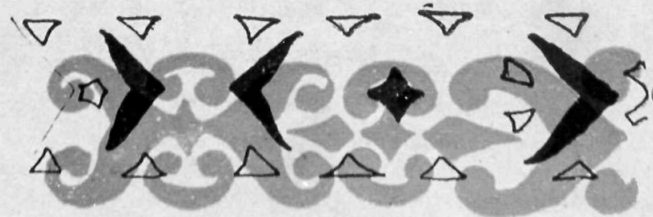
«Emquanto fumo depressa a vida passa»; continua a cantiga. Bemdicto cigarro que faz passar, depressa, esta vida que é tão vagarosa «E a deusa da fumaça Me faz adormecer...»

E dormindo a gente esquece...

E o esquecimento é o maior bem da vida...

Bem dita sejas tu, fumaça de meu cigarro, fumaça azul que contem o esquecimento!

SILVIA PATRICIA



## A T R A P A L H A Ç Ã O

Não se zangue comigo! Estou arrependido de ter todo este afêto imenso, que lhe hei tido . . .

Eu deveria ter amado outra mulher que não fosse você; outra mulher qualquer dum «donaire» de lindeza, esbelta, um tanto magra, do porte igual a uma boneca de Tanagra; de quinze anos em flôr, ólhos de santa, loura tal se fosse Beatriz ou se fosse Eleonora . . .

Cheio de orgulho, eu desejava a Minha Eleita comparavel somente á Belleza Perfeita!

Escute: si eu tivesse amado outra mulher que não fosse você, outra mulher qualquer, este poëma a compor, nesta atrapalhação não estaria sem achar comparação, gastando tinta e de papel quasi uma rêsma sem poder comparar você com você mesma!

M A U R O M O T A



A O lado das obras que publicava, poesias, theatro, romances, Hugo proseguia uma outra, que não appareceu senão depois da sua morte, e que é talvez a que se lê hoje com mais prazer.

Esta obra posthuma, elle chamou-a «Choses Vous» titulo excellente porque são bem coisas que elle recolheu ou surprehendeu no campo de sua visão. Funeraes do Imperador, agonia de Balzac, os acontecimentos de fevereiro, os primeiros gestos publicos de Luiz Bonaparte, e outros acontecimentos ainda desfilaram diante dos seus olhos. Servido de uma implacavel memoria, imaginação sempre nova, notou tudo com surprehendente relevo. Mas, si é incomparavel no retrato physico, observa mal os



Candido Peijó Filho, funcionario da Imprensa Official, cuja festa natalicia passará no dia 30 deste mcz

caracteres; não penetra nos espiritos e nas almas, não é um bom conhecedor de homens. A forma, a côr, o traço pitoresco, a anecdotica significativa eis o seu dominio.

Estas qualidades de visionario e de imaginativo terão o seu melhor emprego nas notas de viagem e no livro «O Rheno», apparecido em 1842, e que comprehendia tres partes. Estas paginas, frementes de vida, são caracterizadas pelo proprio Hugo: «E' mais um jornal de um pensamento que de uma viagem». E de facto, longe de si esparmar á maneira de Lamartine, de fazer rodeios em torno de sua pessoa como Chateaubriand, ou de tudo romantizar como Dumas «permanece sempre, diz de si mesmo, preso ao



silencio e á semi-clari-  
dade que favorecem á  
observação.»

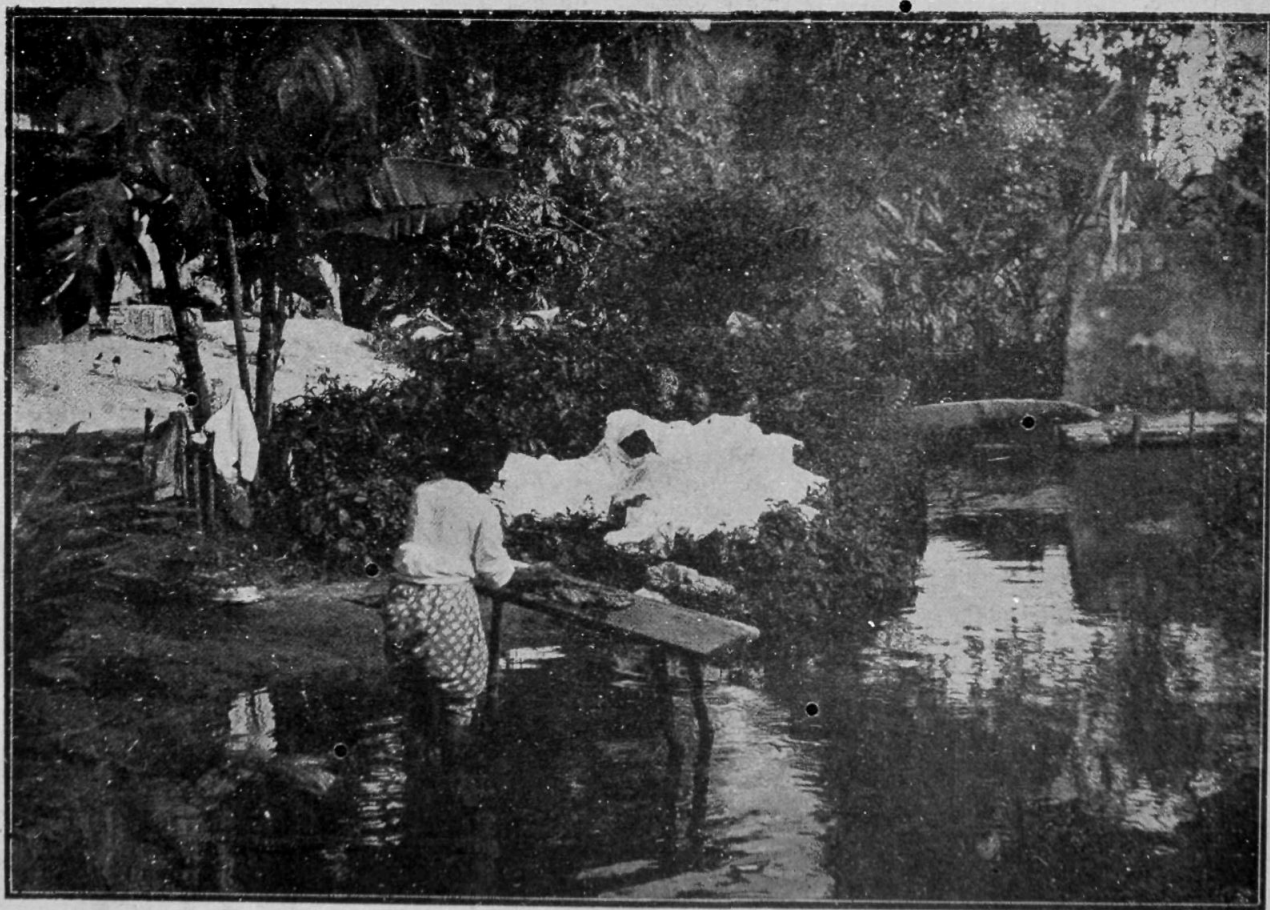
Mas, que poder de  
animação! Elle faz do  
universo uma acção  
continuamente dramati-  
ca, e todos os especta-  
culos que o chocam são  
scenas ou actos deste  
drama eterno.

Esta especie de re-  
portagem genial foi in-  
terrompida do modo  
mais tragico. Em 8 de  
setembro de 1843, de-  
pois de ter percorrido  
os Pyrineus e o norte



**Marroqulm Souza e Carlos J. Duarte,**  
dois jovens intellectuaes alagoanos, es-  
colhidos oradores da grande solemni-  
dade que o mundo pensante de Maceió  
levará a effeito no dia 1 de maio, em  
homenagem ao centenario de José  
de Alencar

da Hespanha, encontra-  
va-se em Rochefort  
quando soube, pela lei-  
tura de um jornal, do  
fim tragico da sua filha,  
afogada com o seu ma-  
rido, em 4 de setembro  
na travessia do Sena.  
Foi o fim de suas via-  
gens, antes do exilio.  
Dóravante, o fantasma  
de Leopoldina não o  
deixará mais. Serão pre-  
cisos doze annos para  
que nos entregue «Pau-  
ca meae», seu suspiro  
immortal.



Defendendo a vida a lavar a roupa suja que não se lava em casa...

# CONTO SEMANAL

## A SANDALIA



JOSÉ RODRIGUEZ  
DE LA PENA

Mei-li, donzella de dezoito annos, tem com sua mãe uma perfumaria na rua de Yan-lo.

E' bella e tem os encantos de uma immortal.

As sobrelhas nobremente curvadas, estendem-se graciosamente sob as nuvens perfumadas dos seus cabellos.

Quando entrava algum jovem na perfumaria, ella se retirava modestamente e se, por accaso, elle a olhava, ruborisava-se toda.

Quando Mei-li entreabria os labios encarnados como a cereja e deixava entrever seus dentes brancos como o arroz e brilhantes como o rócio, quando o pudor surprehendido a fazia fugir e soava precipitadamente o tilintar das pedras e amuletos suspensos á cintura; quando já se havia escondido e só se percebia um doce ruido como o bater d'azas de algum passaro mysterioso — não havia coração que não se incendiasse de ternura e de amor, ainda mesmo que fosse o de um mandarim de botão azul.

Tão soberanos encantos enfeitiçaram um jovem estudante chamado Yun.

Este contrariamente ao que se dava com os demais, não é um libertino, e no meio da vida tumultuosa da capital conserva muito juizo e demonstra um amor puro e desinteressado.

O modo como a chamma invisivel que ardia no coração do estudante prendeu o coração da formosa Mei-li é cousa que só os espiritos poderão narrar.

Ella tambem o amava perdidamente.

Yun era freguez assiduo da «fumerie» e, certo dia, aproveitando-se de um momento propicio, atirou aos pés de Mei-li uma bolinha branca feita com mais fino papel de seda que se fabrica em Kiangsi: era uma carta, na qual elle se lhe declarava e propunha uma entrevista no templo da deusa Kuan-si.

Uma criada levou ao jovem a resposta de Mei-li, que accitava a entrevista. O coração de Yun se encheu de alegria ao saber que ia ver sua amada.

Cousa que raras vezes acontece na China, o namorado chegou primeiro; nos pagodes chinezes encontra-se tudo o que se possa desejar para esperar sem impaciencia.

Yun sentou-se numa mesinha perto do altar de Kuansi, pediu vinho quente, bebeu-o a grandes tragos

e passou sem sentir, da embriaguez do amor á embriaguez do vinho e... dormiu.

Pouco depois chegou a joven acompanhada da criada, que levava uma lanterna.

Vendo Yun dormindo, sentou-se e esperou pacientemente. Mas, quando o tambor annunciou a quarta vigilia, ella abandonou o templo; antes, porem, quiz deixar a Yun um testamento da sua ternura e, envolvendo em seu lencinho perfumado uma sandalia bordada por ella mesma, collocou-a sobre o peito do seu amado.

Ao despertar, o jovem Yun viu a sandalia, examinou-a e comprehendeu que já era dia. Não podendo sobreviver á sua vergonha, pensou em suicidar-se e fê-lo da seguinte interessante maneira: enguliu o lencinho e caiu asphyxiado. O religioso encarregado da inspecção da capella tropeçou no corpo de um homem; no mesmo instante chegou o criado do estudante que, inquieto com a ausencia do seu amo, penetrou no interior do pagode.

Houve forte discussão entre o monge e o criado.

Este accusava o segundo de haver praticado um crime e, apoderando-se da sandalia, correu ao tribunal.

O grande juiz Pao-Ching tinha o costume de abrir a audiencia ao romper do dia. Depois de ouvir a queixa, iniciou a instrucção do processo.

Ouviu o religioso e por um habil estratagemas, o juiz não tardou em descobrir o mysterio.

Um empregado do tribunal, disfarçado em tropeiro, poz-se a percorrer lentamente as ruas de Yan-lo com a sandalia. Quando passou diante da casa de Mei-li, esta reclamou que lhe pertencia. Foi então conduzida ante o juiz e interrogada pelo sabio Pao-Ching. Dahi foi trasladada á capella do templo Kuan-si, onde a joven examinou com muita attenção o cadaver do seu amado, vendo assomar á bocca um pedacinho mal perceptivel do pequeno lenço.

Puxou-o rapidamente e Yun voltou a si.

Toda a comitiva regressou ao tribunal, e o sabio Pao-Ching ordenou que se celebrasse o casamento.

Elle mesmo presidiu o cortejo nupcial e resolveu que a deusa Kuan-si assistisse para que desse testemunho da vontade do céu.



# REVISTA DA CIDADANIA

SEMANARIO DA VIDA MUNDANA  
DO RECIFE

Dispondo de bem installadas officinas,  
acceita todo e qualquer serviço de arte graphica

Rua do Imperador Pedro II — 207

## A Cerveja maltada

# Malzbier

é um poderoso fortificante,  
de delicioso Paladar

# CHOCOLATE BEIJA-FLÔR

MELHOR QUÊ UM BEIJO!

## PERDIZES DE PANELLA

Depennam-se e limpam-se uma ou duas perdizes, depois de bem lavadas; junta-se-lhes, as pernas, passando-lhe um barbante enfiado numa agulha de uma a outra côxa.

Põe-se numa panella os seguintes temperos: umas doze cebolinhas, um dente de alho, 3 cenouras cortadas em rodellas, um copo de vinho branco, um pouquinho de vinagre, meia folha de louro, meia colher de manteiga, uma pitada de pimenta e um pouco de sal; põem-se as perdizes dentro desses temperos e põe-se a panella em fogo forte. Assim que tiver durante uns tres minutos põe-se a panella em fogo brando.

## ATELIER DE GRAVURAS

EMILIO FRANZOSI

Fabrica de Placas esmaltadas, metal e letreiros.

### GRAVURAS

para alto relevo sobre metal e aço. Cunhagem de medalhas e distinctivos. Fôrmas para sabonetes. Marcas a fogo e recortadas. Sinetes para laçre. Carimbos de aço, metal e borracha

Premiada com Diploma de Honra e Medalha de Ouro

TRABALHOS GARANTIDOS

Rua General Abreu e Lima, 265

Telephone, 6418

Esquina com a rua do Cajó

## RHEUMATISMO E SYPHILIS TERCIARIA

Dra. NOEMY VALLE ROCHA

No Rio Grande do Sul



Attesto que o preparado *Elixir de Nogueira*, do Pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, é um oprimo depurativo. que tenho usado na minha clinica, com resultados satisfactorios, nas affecções de origem syphiliticas.

Porto Alegre, 8 de Agosto de 1918.  
(Rio Grande do Sul.)

Da. Noemy Valle Rocha





# Guarana Champagne

*A excelente bebida  
sem alcool!*

*O melhor refresco  
que contem, de  
facto, o legitimo  
Guarana do Ama-  
zonas*

*Fabricação da*

## "ANTARCTICA"

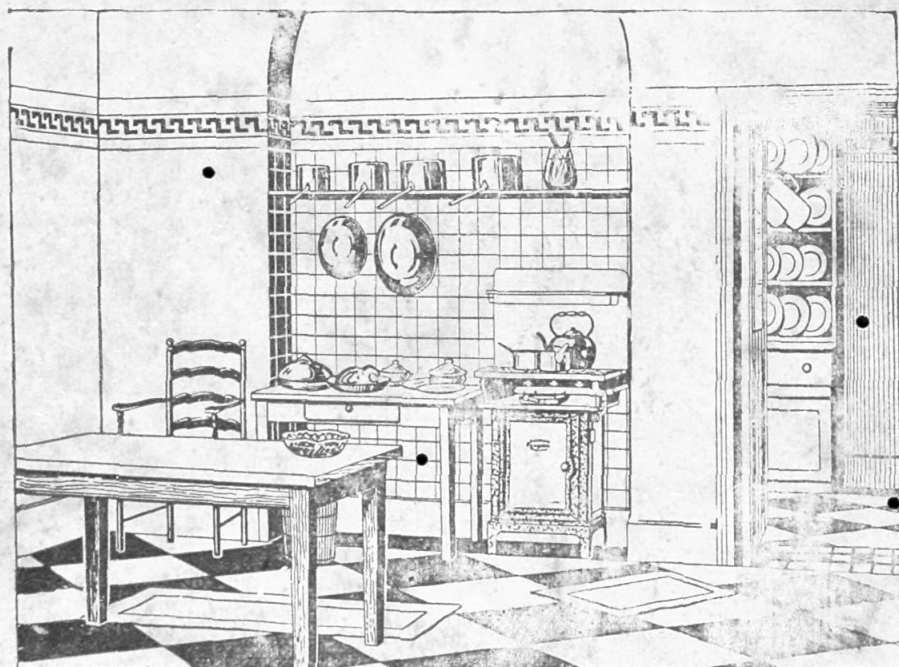


O desinfectante ideal

# PHENOLINA

indispensável nas  
lavagens de casas e nas  
desinfecções geraes

## O FOGAO A GAZ O FOGÃO MODERNO,



HYGIENICO

ECONOMICO

EXPEDITO

ELEGANTE !

P. T. & P. Co. Ltd.

Exposição na Loja do Gaz

RUA DA AURORA, 487

RICHMOND'S "Bungalow New World" COOKER

Telephone, 2141